

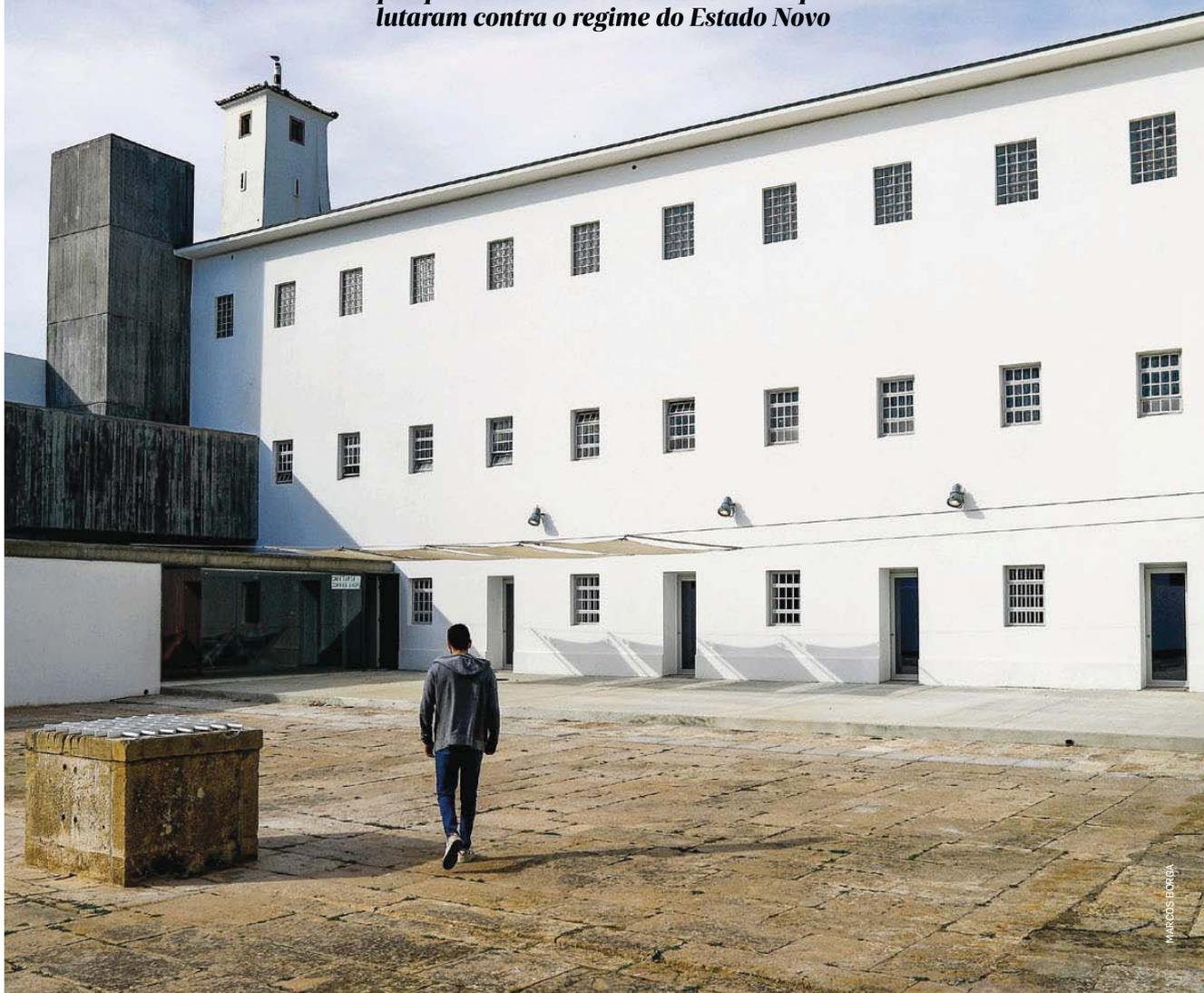


NESTA SEMANA > ROTEIRO DE ARTESÃOS, NO PORTO / THE LINCE SANTA CLARA HOTEL, EM VILA DO CONDE

Se7e

Museu Nacional Resistência e Liberdade **Para nunca esquecer**

*Na Fortaleza de Peniche, abre o museu
que quer manter viva a memória dos que
lutaram contra o regime do Estado Novo*



MARCOS BORGES

MEMÓRIA PARA O FUTURO

Está concluído o projeto de musealização do Forte de Peniche, antiga prisão do Estado Novo. No Museu Nacional Resistência e Liberdade, com abertura marcada para este sábado, 27, revisita-se o nosso passado – para nunca esquecer

— POR SUSANA LOPES FAUSTINO TEXTO MARCOS BORGA FOTOS

Na entrada da fortaleza, o memorial aos presos políticos lembra aqueles que por aqui passaram entre 1934 e 1974. A inscrição inicial, inaugurada a 25 de abril de 2019, foram acrescentados agora mais 160 nomes, num total de 2 626. Entre eles, encontram-se os de duas mulheres: Teresa Marques e Maria de Jesus. “Isto era uma prisão masculina. Elas estiveram aqui de passagem para outras cadeias, nos anos 30, e fizeram-lhes o registo. No memorial, constam os presos que foram identificados, mas a investigação histórica continua”, diz Aida Rechená, diretora do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL) e guia da nossa visita.

A data de abertura do museu, com o projeto de musealização concluído, não foi escolhida ao acaso. A 27 de abril de 1974, eram libertados os presos do Forte de Peniche. “Logo nesse dia, a população começa a reivindicar o forte para si, colocando uma faixa que dizia ‘Peniche exige forte para visitar e não para ficar’”, conta Aida Rechená. Neste sábado, 27, está programada uma série de atividades, desde a leitura de um texto inédito do historiador e investigador António Borges Coelho (um dos presos políticos de Peniche) a música e intervenções de quem se viu privado de liberdade.

“Foi uma longa luta que se travou. A decisão de se criar este museu é de 1976”, nota Domingos Abrantes, 88 anos, ex-presos polí-

tico, membro da Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica do MNRL e do atual comité executivo do Museu de Peniche. “Foram precisos quase 50 anos para que visse a luz do dia, o que, por si, é motivo de reflexão, mas sobretudo porque chega na altura certa, num momento em que se adensam bastantes perigos e tudo vai ficando mais distante.”

Quando a Câmara Municipal de Peniche inaugura, em 1984, o Museu Municipal, é criado um pequeno núcleo dedicado à resistência e liberdade. A 6 de maio de 2017, uma resolução do Conselho de Ministros determina um plano de recuperação da Fortaleza de Peniche com vista à instalação do futuro museu. “Do ponto de vista museológico e social, o processo de criação é muito interessante. Classicamente, os museus nacionais nascem, por exemplo, de grandes coleções que já estão reunidas. Este nasce por reivindicação popular”, considera Aida Rechená.

CONTRA O ESQUECIMENTO

As cores ajudam a situar-nos dentro do pano da muralha. Pintados de amarelo estão, hoje, os edifícios que faziam parte do velho Forte de Peniche; de branco, as construções da penitenciária mandada edificar por Salazar, a partir de 1953, à imagem das prisões de alta segurança dos EUA.

Quem aqui vier poderá visitar gratuitamente a Capela de Santa Bárbara, na qual se conta a história da Fortaleza de Peniche; o Fortim Redondo, conhecido como “segredo” pelos prisioneiros, gênese da fortaleza e onde ficavam as celas para castigos disciplinares; e o tal memorial. A partir daqui, rapidamente se chega ao Parlatório (inaugurado em 1967), paredes e azulejos brancos asséticos, onde decorriam as visitas. “Ainda hoje, presos e familiares ficam muito emocionados, alguns eram crianças. À sua passagem, os portões

> Dentro de muralhas

A instalação do museu incluiu a reabilitação dos vários espaços da Fortaleza de Peniche. Pela primeira vez, visitam-se os blocos da penitenciária mandada construir por Salazar, a partir de 1953, e inspirada nas prisões de alta segurança dos EUA

ID: 110776768

25-04-2024



ID: 110776768

25-04-2024

Polos de memória

Imagine-se a gravar uma versão de *Grândola, Vila Morena*. Ou a ouvir uma das 92 versões, portuguesas e estrangeiras, da canção que foi a senha do 25 de Abril. Estas são algumas das atividades interativas em que se desdobra o novo Núcleo Museológico Grândola, Vila Morena, inaugurado neste mês, na vila alentejana. Se aqui é a música escrita e cantada por José Afonso que recorda o pré e o pós-25 de Abril, outros museus há, em Portugal, guardiões destas memórias. Em Castelo de Vide, numa casa-museu está o espólio particular de Salgueiro Maia, Capitão de Abril, com objetos como o megafone com o qual, no 25 de Abril, no Largo do Carmo, em Lisboa, intimou Marcello Caetano a render-se. Em Torres Novas, a casa onde nasceu Humberto Delgado deu lugar ao CHUDE – Centro Humberto Delgado, um centro de estudos sobre o republicanismo e a oposição à ditadura portuguesa. Já em Lisboa, o outra antiga prisão do Estado Novo acolhe o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade, com foco na repressão e na resistência em Portugal e nas colónias. Património material e imaterial que não deixa esquecer o quanto custou a conquista da liberdade.

trancavam-se nas costas, e as pessoas recordam esse barulho”, descreve a diretora do museu. À data, era obrigatório falar alto para os guardas conseguirem ouvir e perceber o que se dizia. Da museografia de 2019 ficaram frases que testemunham esses tempos. “Es-trábica?! Tire os óculos! Não pode estar na visita a olhar para o lado”, pode ler-se.

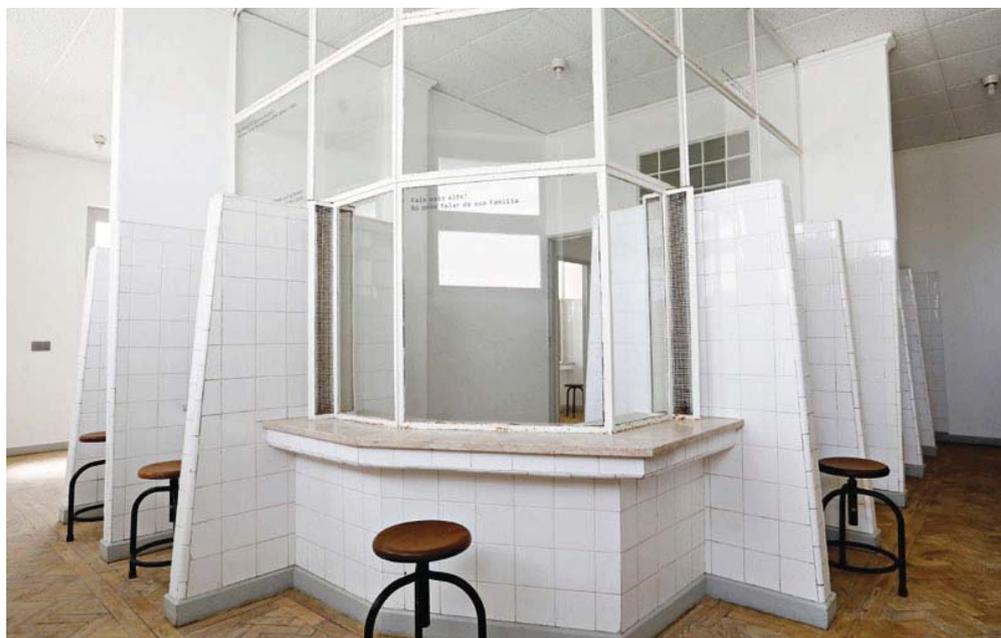
Nesta zona, encontram-se ainda duas salas contíguas: numa, serão exibidos filmes com testemunhos de filhos de presos; na outra, a que chamam sala dos casamentos, por servir para essas cerimónias (só os casados podiam receber visitas), fala-se de Peniche enquanto terra de resistência e solidariedade, através de vários documentos, desde cartões de visita a relatórios da PIDE, cartas escritas e desenhadas por prisioneiros e enviadas aos filhos, caso de António Dias Lourenço, protagonista de uma ousada fuga, em dezembro de 1954, saltando do Fortim Redondo diretamente para o mar.

Visitáveis, pela primeira vez, estão os tais blocos da penitenciária que Salazar mandou construir em 1953, considerada, na altura, a prisão de alta segurança mais moderna do

País. Entre os muitos acontecimentos e as memórias que estes edifícios encerram estão as fugas, um dos conteúdos tratados na exposição de longa duração. De Peniche evadiram-se, entre outros, António Dias Lourenço, dirigente do PCP, a 17 de dezembro de 1957, e Álvaro Cunhal, o histórico líder comunista, a 3 de janeiro de 1960. “É um museu com várias camadas. Falamos de valorização dos Direitos Humanos, da liberdade, dos valores da democracia e dos valores de Abril. Para as crianças, estamos a construir um projeto pedagógico focado nos conceitos de liberdade e resistência, antes e depois da Revolução”, explica a diretora.

FASCISMO, NUNCA MAIS

No Bloco C do complexo da prisão, zona designada de museu, ficam a cafetaria (ainda por abrir), o pátio da cisterna e a livraria especializada, também de acesso livre. O restante percurso expositivo, dividido em quatro temas – As Celas de Alta Segurança; Exposição Resistência e Liberdade; Galeria da Liberdade e Celas Individuais –, tem entrada paga e vale cada euro.





JOSE PAULO RUAS / MNRL

▲ Alta segurança

Aida Rechena, diretora do Museu Nacional Resistência e Liberdade; a recriação da cela de Álvaro Cunhal (à esq.) e sapatos feitos por um preso político não identificado. Na página ao lado, o Parlamento e documentação reunida em exposição

“Foram precisos quase 50 anos para que o museu visse a luz do dia, o que, por si, é motivo de reflexão”, nota Domingos Abrantes, ex-presos político

Fazemos a primeira paragem no piso 2. É impossível ficar indiferente à sequência de oito celas individuais e mais quatro coletivas, todas elas de alta segurança, de onde fugiram Álvaro Cunhal e oito companheiros. “Não eram espaços de tortura, mas de grande sofrimento psicológico e emocional, numa política de ‘quebrar os espíritos’, como dizia o regime”, lembra Aida Rechena. Numa das celas, repôs-se o que teriam na altura: uma cama, um fato, uma mala de viagem e o balde das necessidades. “Percebe-se como era viver

ao som dos apitos, anos e anos, os silêncios e isolamentos a que os presos eram votados, a alimentação, os enormes sacrifícios...”, sublinha Domingos Abrantes.

No piso 1, a Exposição Resistência e Liberdade ocupa uma área de 257 metros quadrados. Composta maioritariamente por suportes digitais interativos, permite ver o acervo reunido, essencialmente imaterial, com muitas entrevistas e depoimentos – “o que mais nos emociona e distingue enquanto museu”, destaca Aida Rechena. Através de documentos e objetos, abordam-se temas como o regime fascista; o sistema repressivo e policial, incluindo a PIDE e as prisões, com destaque para o Tarrafal; o colonialismo e a guerra; e, por fim, a resistência em todas as frentes e a clandestinidade. Há ainda um pequeno auditório para projeção de filmes, testemunhos e ciclos de cinema. No dia da abertura do MNRL, será exibido *A Fuga*, de Luís Filipe Rocha, com a presença do realizador.

O percurso expositivo continua na Galeria



MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE

Fortaleza de Peniche
> Campo da República,
609 > T. 262 798 028
> ter-dom 10h-18h
> €8, dom grátis

7 SAIR

▼ **À beira-mar**
A Fortaleza de Peniche foi construída sobre uma escarpa rochosa



“As celas de alta segurança eram espaços de grande sofrimento psicológico e emocional, numa política de ‘quebrar os espíritos’, como dizia o regime”, lembra Aida Rechena, diretora do museu

da Liberdade, centrada no 25 de Abril e no 1º de Maio já em liberdade. A passagem faz-se por um túnel pintado de vermelho, que liga o Bloco C ao D, onde eram as antigas oficinas. No final dos anos 60, as celas de castigo passaram a ser aqui, no “novo segredo”, onde se veem as únicas paredes com inscrições feitas no pós-25 de Abril. Os visitantes terão ainda a oportunidade de entrar no Bloco B e subir a um piso com celas individuais, que se percorre em silêncio.

O Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche, recorda boa parte da história política e social do século XX português, para que, sublinha Domingos Abrantes, “a liberdade continue a ser o nosso modo de vida”. Meio século depois da Revolução dos Cravos, e no futuro. ■■ slopes@visao.pt

> **Memorial**

Com 21 metros de largura e quatro de altura, tem inscritos 2 626 nomes de presos políticos e um poema de António Borges Coelho. O Fortim Redondo (em cima) está na génese da construção do forte



O NOVO MUSEU DA RESISTÊNCIA